

Insegurança e medo no mundo contemporâneo: uma leitura de Zygmunt Bauman

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. 229 p.

NAJLA FRANCO FRATTARI

Mestranda em Sociologia – UFG

najlafrattari@gmail.com

A QUESTÃO TEÓRICA DOS ESCRITOS do sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, recai especialmente sob o aspecto da insegurança e indeterminação, que na compreensão do autor são marcas dos tempos atuais. Essa temática é recorrente na maioria de suas obras¹. Segundo Bauman, em nossa época extremamente carente de certezas, proteção e segurança, os medos são muitos e indissociáveis da vida humana. Tememos a violência urbana, as catástrofes naturais, o desemprego, as epidemias, o terrorismo, a exclusão. Como consequência disso, buscamos incansavelmente a atualização profissional e o acúmulo de conhecimento, nos fechamos em nossas casas cada vez mais equipadas com sofisticados sistemas de segurança, mas nem por isso capazes de nos propiciar alívio e conforto diante de nossos temores; dirigimos carros blindados, evitamos espaços públicos e o contato com estranhos, os quais nos parecem cada vez mais ameaçadores e aterrorizantes. Para o autor as esperanças de um maior controle e domínio sobre o mundo social e natural depositadas nos tempos modernos se esvaíram. No ambiente líquido-moderno, as incertezas, perigos e ameaças são uma constante. Em *Medo Líquido*, Bauman faz um inventário dos medos que assombram os indivíduos na modernidade líquida, buscando encontrar suas origens comuns e, ainda, propiciar um diálogo e reflexão que permitam aplacar os anseios dos nossos tempos.

No primeiro capítulo, Bauman discute o medo da morte, o qual considera o arquétipo de todos os medos. De acordo com o autor todas as culturas humanas possuem estratégias que têm por finalidade tornar suportável a vida com a consciência da morte. Nos tempos líquido-modernos a banalização do 'inevitável' se coloca como um desses estratagemas. A morte torna-se um evento banal uma vez que é 'encenada' cotidianamente, constituindo-se parte integrante da vida. A fragilidade dos vínculos humanos e a facilidade com que são rompidos servem como ensaios rotineiros da experiência da morte. O medo da metafórica 'morte de segundo grau'² expressa na verdade o medo da exclusão. E é esse temor que é enunciado pelo que Bauman denomina 'contos morais' de nossa época, como por exemplo, os *Reality Shows*, ou seja, o temor diante da inevitabilidade da eliminação e da impotência em escapar a esse destino. Como simulacros da morte esses 'contos morais' da modernidade líquida buscam aplacar nossos anseios diante do que seria o fim de tudo, banalizando e rotinizando a visão da experiência da morte.

¹ Comunidade: a busca por segurança no mundo atual (2003); Confiança e Medo na Cidade (2006); Tempos Líquidos (2007), Modernidade e Ambivalência (1999).

² Bauman não se refere à morte física, mas as separações, perdas, exclusões, rompimentos, que vivenciamos ao longo da vida.

Contudo, as origens das inquietações dos habitantes do mundo líquido não se limitam ao temor da morte. O medo, conforme Bauman discute no segundo capítulo de seu livro, também se associa à idéia de mal. De acordo com o autor, a crença moderna na racionalidade humana e, conseqüentemente no maior controle do mundo natural e social não se concretizou. Enfrentamos atualmente males produzidos por seres humanos tão inesperados, incalculáveis e imprevisíveis quanto qualquer catástrofe natural que possa ter ameaçado nossos antepassados. Na modernidade líquida não existem sinais, ou fronteiras claramente definidas, que nos permitam identificar ou separar o bem do mal, e assim identificar amigos e inimigos. O mal pode surgir de qualquer lugar, a qualquer momento. A conseqüência mais grave disto, tal como nos adverte Bauman, é a aterrorizante crise de confiança que se vivencia nos tempos atuais. Nesse contexto de incertezas e medo, as relações humanas e os vínculos sociais encontram-se extremamente ameaçados. O distanciamento parece a única medida capaz de propiciar um pouco de alívio e segurança. As cidades, antes símbolos de proteção, se transformaram em fontes de ameaça e de perigo permanentes. Os muros que antes protegiam seus habitantes dos riscos externos, agora as recorram. Os encontros no espaço urbano tendem a ser evitados ou marcados pela suspeita, mediados por guaritas, grades, câmeras e o que mais as modernas empresas de segurança possam oferecer para os habitantes aterrorizados e economicamente privilegiados. Nesse cenário, a confiança não se fortalece e o medo não se dissipa, antes ele encontra um ambiente favorável a sua autoreprodução.

A idéia de que a confiança e a esperança que depositamos na tecnologia em busca de um mundo melhor e mais seguro possa ser frustrada e constituir também uma nova e fértil fonte de medo nos tempos líquido-modernos, e é sobre ela que Bauman se debruça no terceiro capítulo do livro. Segundo ele, a luta moderna incessante para tornar o mundo previsível, controlável, regular e transparente acarretou a transformação, de forma imprevisível, mas drástica, das catástrofes sociais em algo semelhante aos desastres naturais. O autor acrescenta que grande parte do esforço e progresso da civilização moderna consiste na busca incessante de resolver problemas ocasionados por tentativas anteriores de solução de outros problemas. Uma vez que nossa crença na capacidade dos meios tecnológicos de propiciar maior controle e segurança é abalada, a incerteza e a ansiedade se tornam crescentes. Tememos, na verdade, o inadiministrável e o indefensável. Medo é, pois, outro nome que damos a nossa 'falta de defesa'. Contudo, Bauman reitera que nos tempos atuais até mesmo o medo é distribuído desigualmente, o que independe de sua causa específica. Segundo ele,

seja dirigida aos desastres de origem natural ou artificial, o resultado da guerra moderna aos medos humanos parecer ser sua redistribuição social e não sua redução em volume (p. 107).

Isso implica dizer que a concepção de felicidade humana, segurança e conforto pode ser usufruída apenas como privilégio, uma vez que amplia a desigualdade e reduz qualquer possibilidade de universalidade.

No quarto capítulo, Bauman relaciona o medo que assola o mundo líquido-moderno à globalização, definindo-a como a nova ordem mundial, de caráter indeterminado, indisciplinado e sem um controle central. Segundo o autor, vivemos em um mundo 'negativamente globalizado', o que torna os efeitos das ações fora do controle e não calculáveis. Neste cenário, a irregularidade e a anormalidade tornam-se a regra. Não há a possibilidade sequer de se falar em termos de 'riscos', uma vez que estes podem, de acordo com sua definição ser calculados e, assim, minimizados ou evitados. Vivemos, portanto, em um mundo de incertezas. Sentimo-nos mais ameaçados, atemorizados e apaixonados por tudo que se refira à segurança do que a maioria das sociedades de que se têm relato. De acordo com Bauman, as origens de nossos medos são de ordem política e ética. Os prejuízos causados pelos poderes fora de controle são espalhados e difusos. Em um mundo 'negativamente globalizado', nos adverte o autor, todos os problemas relevantes são globais e, portanto, não admitem soluções locais. Assim, enquanto as soluções não forem buscadas ou construídas globalmente o fantasma do medo e da insegurança continuará pairando sobre as sociedades de nossa época.

É a 'paixão securitária', segundo postula Bauman no quinto capítulo do livro, que nutre a ansiedade e o medo crescente dos habitantes das sociedades líquido-modernas. As ações defensivas estimuladas pela insegurança e incerteza que permeiam a vida moderna fazem com que as ameaças sejam percebidas como próximas e tangíveis. Assim, cada muro construído, cada barreira imposta, cada chave extra, como resposta aos rumores da iminência dos perigos, faz o mundo parecer cada vez mais aterrorizante, instigando novas medidas defensivas e, conseqüentemente mais medo, o que se torna um ciclo vicioso. O medo adquire então, a capacidade de autopropulsão. Nas palavras do autor, "tendo assolado o mundo dos humanos, o medo se torna capaz de se impulsionar e se intensificar por si mesmo" (p.172). Bauman afirma ainda que diferentemente dos temores que têm acompanhado as pessoas por toda a humanidade, o que distingue os medos atuais é o desacoplamento entre os medos e ações inspiradas por estes. De modo que, as reações destinadas a combater os anseios e inquietações, podem ser dirigidas para alvos realmente distantes dos perigos de fato responsáveis pela insegurança dos indivíduos. No cenário atual, esperar que o Estado faça

algo palpável para mitigar a insegurança parece, na visão do autor, uma fantasia irrealizável. Em um mundo cada vez mais individualizado e privatizado, a segurança é uma tarefa de cada indivíduo.

Por fim, no último capítulo, Bauman aponta alguns temas que merecem ser pensados e repensados na busca incessante de eliminar as raízes do medo que assola o mundo líquido moderno. Entre eles, a esperança e a oportunidade de atingir um equilíbrio

estável entre liberdade e segurança, o que deve antes de qualquer coisa ser imaginado em escala global. A 'globalização negativa', alternado-se em oferecer, ora liberdade sem segurança, ora segurança sem liberdade, deve ser controlada ou a catástrofe será um caminho inevitável. A tarefa que resta, porém, é a de compreender de forma ampla o medo e suas implicações no atual contexto. Não deixando jamais que as esperanças venham a se esvaír.

Data de recebimento do artigo: 13-09-2008

Data de aprovação do artigo: 21-10-2008